

## "E VAI PRESTAR ESTE MUSEU LÁ EM CASA?": REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS MUSEUS ORGÂNICOS NA CHAPADA DO ARARIPE, CE.

**Andrea Rabinovici<sup>1</sup>**  
**0000-0001-8440-8713**  
**Thiago Allis<sup>2</sup>**  
**0000-0002-9070-7928**  
**Júnior dos Santos<sup>3</sup>**  
**0009-0004-3449-7999**

Recebido em 14.09.2023

Aprovado em 30.10.2023

### Resumo

Este trabalho propõe um debate sobre os nexos entre novas abordagens museológicas e o desenvolvimento socioeconômico, tendo por enfoque as práticas de Turismo de Base Comunitária (TBC). Para tanto, traz um conteúdo empírico original, a partir da apresentação, descrição e discussão sobre os Museus Orgânicos (MOs), iniciativa concebida e liderada pela Fundação Casa Grande e parceiros na região de Nova Olinda (CE). De caráter descritivo e exploratório, o trabalho é resultado da associação entre pesquisadores e um protagonista local que participou da concepção e do acompanhamento da gestão desses museus e de programas de visitação turística. Cotejando as práticas observadas na região - proporcionadas por visitas organizadas entre 2022 e 2023 - com os relatos e debates na literatura, percebem-se princípios museológicos convergentes, reforçando, assim, a necessidade de promoção desses movimentos comunitários para a produção de iniciativas transformadoras, valorização de identidades culturais e estímulo a práticas turísticas comunitárias. O trabalho contribui, ainda, para apresentar agendas de pesquisa na interface entre turismo, museologia e desenvolvimento comunitário, assumindo que iniciativas semelhantes precisam ser conhecidas, debatidas e colocadas em movimento para aprendizado coletivo entre comunidades, gestores públicos, visitantes e outros atores sociais interessados no desenvolvimento socioeconômico através do TBC.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ambiente e Sociedade, Universidade Estadual de Campinas e professora associada do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: [arabinovici@unifesp.br](mailto:arabinovici@unifesp.br).

<sup>2</sup> Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo e professor associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo. Brasil. [thiagoallis@usp.br](mailto:thiagoallis@usp.br)

<sup>3</sup> Especialista em Arqueologia Social Inclusiva pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Fundação Casa Grande, Diretor do Programa de Turismo da Fundação Casa Grande, CE. E-mail: [junhofcg@gmail.com](mailto:junhofcg@gmail.com)

**Palavras-chave:** Turismo de Base Comunitária, desenvolvimento comunitário, Nova museologia, Museus Orgânicos, Fundação Casa Grande (Ceará/Brasil).

## **“Will this museum work there at home?” Reflections on the experiences of the organic museums at Chapada do Araripe (CE)**

### **Abstract**

This work aims at discussing the links between new museological approaches and socio-economic development, focusing on practices of Community-Based Tourism (TBC). To this end, it brings original empirical content, based on the presentation, description and discussion of Organic Museums (MOs), an initiative conceived and led by Fundação Casa Grande and its partners in the region of Nova Olinda (CE). Of descriptive and exploratory nature, it is the result of an association between researchers and a local key actor, who participated in the conception and monitoring of these museums and tourist visiting schemes. Comparing the practices observed in the region - enhanced through visits between 2022 and 2023 - in dialogue with selected literature, convergent museological principles were perceived, reinforcing the need to foster these community movements for the sake of transformative initiatives, valorization of cultural identities and encouragement of community tourism practices. The work also highlights new research agendas in the interface between tourism, museology and community development, assuming that similar initiatives need to be known, debated and put into motion for collective learning among communities, decision makers, visitors and other social actors involved in socio-economic development via TBC.

**Keywords:** Community-based tourism, communitary development, New Museology, Organic Museums, Casa Grande Foundation (Ceará/Brazil).

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2022, a Revista *Museum Anthropology* publicou um número especial, intitulado: *Being Called to Action: Contemporary Museum Ethnographies*<sup>4</sup>, no qual, em sua abertura o editor se perguntava: "o que pode ser um museu e qual seu papel social?". E ele foi adiante nas indagações: "pode uma casa ser um museu? Uma cidade? O que acontece com nossa noção de museu quando extrapolamos as objetificações arquitetônicas determinadas pela autoridade nacional ou pelo Estado? (...) O que se perde e o que se ganha quando desestabilizamos nossa noção de museus?" (Thorner, 2022, p. 3-4). O número convidava, assim, a explorar "experiências corporificadas, afetivas e sensoriais de museus e espaços parecidos com museus", na expectativa de, em uma abordagem antropológica, entender o que as representações, exposições e objetos são capazes de fazer.

Distante dos meandros acadêmicos e apegado ao chão caririense, Alemberg Quindins, idealizador do que se convencionou chamar de Museu Orgânico (MO) - e será objeto deste trabalho -, explica nas muitas palestras, encontros, lives: "o conceito do MO é não ter conceito! Cada museu é uma lição e, a base dos museus orgânicos é o que chamamos de arquitetura do afeto, uma energia capaz de mover a cultura do território" (Quindins, 2023).

E essas e outras vozes estão na busca, por diferentes perspectivas e papéis, de entender a natureza, a importância e as concatenações dos museus com as comunidades que lhe dão substância. Nesse nexos, as identidades e manifestações culturais, as mais variadas, convertem-se em recurso estratégico para desenvolvimento comunitário, incluindo práticas de TBC.

Neste trabalho, assumimos uma noção de comunidade de forma ampla, referindo-se a grupos de pessoas que compartilham um território, que é também uma unidade social e cultural e que mantém laços estreitos com o ambiente natural. Para compreender as comunidades locais, deve-se considerar os significados que os membros atribuem às suas ações e práticas. No caso das comunidades tradicionais (pescadores, quilombolas, indígenas e outras), considera-se a existência de uma ligação profunda com o território em que vivem e do qual depende sua sobrevivência física e cultural, já que esta ligação é manifestada na identidade cultural de cada grupo. Além disso, mantém práticas culturais,

---

<sup>4</sup> Em português: "Chamado à ação: etnografias museológicas contemporâneas".

conhecimentos tradicionais e modos de vida transmitidos ao longo de gerações. Populações tradicionais têm um aparato legal para sua proteção. As comunidades locais, conceito mais amplo - e que se aplica melhor ao que discutiremos adiante, podem incluir as tradicionais, no entanto, com maior diversidade de práticas, identidades e formas de vida, nas quais se reconhecem enquanto comunidade.

O caso aqui estudado, as comunidades do Cariri Cearense, exceto por algumas comunidades indígenas (Poço Dantas, no Crato, por exemplo) e quilombolas existentes (Quilombo Sassaré e do Carcará, ambos Potengi, por exemplo), as demais não são consideradas tradicionais, porém, culturalmente se reconhecem enquanto comunidade, especialmente ligadas a uma identidade original, proveniente da cultura dos indígenas Kariri, que os une no território, mais do que as divisões geopolíticas existentes nos estados em que vivem e que tal cultura abrange (CE, PE, PI e PB). Assim, recorreremos a Moura-Fé (2017) para uma caracterização ampla daquilo que se entende por Cariri como grande comunidade cultural:

Antes de mais nada, falar do Cariri é versar essencialmente sobre história, sobre vida. Uma história natural de milhões de anos, emoldurada pelos monumentais processos de junção e separação (ainda em curso) de dois continentes siameses, geográfica e culturalmente: América do Sul e África. (...) O povo encontrou a natureza do Cariri, se encantou e ficou deslumbrado com tantas belezas de um verdadeiro oásis no contexto semiárido nordestino, um cenário que seria fonte de inspiração para a criação de diversas lendas que hoje formam a mitologia da região (Moura-Fé, 2017, p. 4-5).

A partir disso, nos perguntamos: como práticas museológicas comunitárias contribuem para a valorização cultural e desenvolvimento socioeconômico, na interface com o TBC? Para isso, de maneira específica, os autores propõem um debate com a literatura corrente sobre a chamada Nova Museologia e Museologia Social, tendo por referência as experiências concebidas e implementadas na região de Nova Olinda, no Cariri Cearense, em especial os chamados Museus Orgânicos propostos e implementados por iniciativa da Fundação Casa Grande (FCG).

Desde 2009, o turismo na região de Nova Olinda é organizado pela Cooperativa dos Pais e Amigos da Casa Grande (COOPAGRAN) e segue se profissionalizando, especialmente a partir de 2012, com a criação da Agência de Turismo Comunitário (ATC).

Há nesta experiência inúmeros desdobramentos que merecem registro, monitoria e análise, dado ao fato de que, diversas inovações são desconhecidas ou ainda não relatadas, e geram impactos, curiosidade e visibilidade.

### 1.1. Quadro metodológico: viajantes-observadores

Este trabalho é resultado de impressões e registros de campo de dois visitantes e pesquisadores a partir de três incursões realizadas à região do Cariri cearense. Portanto, de inspiração etnográfica, é justo e necessário dizer que "deixamos o campo falar", para, a partir disso, conceber um debate estruturado, com fins analíticos e a partir de referenciais teóricos pertinentes.

Assim, a base para as reflexões foram três visitas ao Cariri, durante as quais surgiram diálogos e questões tanto numa interface turística (entre visitantes e visitados), quanto de natureza conceitual e política - tendo por referência o histórico de pesquisa de dois dos autores no campo do turismo. O terceiro autor é um protagonista local que, hoje adulto, foi um dos "meninos" da FCG<sup>5</sup>.

Estas reflexões aqui contidas são fruto de observações diretas dos visitantes, em diálogo com o protagonista local, durante as vivências nas atividades propostas pela ATC. Desta forma os autores visitaram, conversaram, aprenderam, trocaram ideias com várias pessoas envolvidas com o fazer turístico, por vezes enquanto turistas, e, noutras, enquanto pesquisadores e profissionais da área de turismo (Quadro 1).

---

<sup>5</sup>Júnior dos Santos é formado em turismo, professor da área em algumas instituições de ensino da região, tendo assumido recentemente a Direção da FCG, é também proprietário da Agência de Turismo Comunitário (ATC), mediador das atividades de turismo, incluindo as visitas aos Museus Orgânicos (MOs), e, cocriador da ideia. Tem atuado no diálogo junto aos mestres de cultura, na identificação de potenciais MOs e na implantação deles. É também autor de inúmeros arrazoados que são base para a eleição de novos mestres. Ele esteve junto aos outros autores deste trabalho, nas visitas que originaram este texto e segue em diálogo profícuo para aprendizados conjuntos.

### Quadro 1 - Locais Visitados (Municípios) - 2022 e 2023

Incursões	Locais visitados
1ª visita (Fev. 2022)	Fundação Casa Grande Memorial Homem Kariri (Nova Olinda) MO Ciclo do Couro (Espedito Seleiro) (Nova Olinda) Sítio do Mestre Zé Artur (agroecologia) (Nova Olinda) MO Casa de Dona Dinha (tecelã redes) (Nova Olinda) Casa de Dantas (Aboiador) (Nova Olinda) Casa de Dona Maria Piauí (benzedeira) (Nova Olinda) Sítio de Pinturas Rupestres em Santa Fé (Crato) MO Casa do Mestre Antônio Luiz (Potengi) MO do Sr. Luiz Ferreiro (Potengi) MO Casa de Telma Saraiva (Crato) MC de Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde (Crato)
2ª visita (Dez. 2022)	MO do Mestre Françaúli – “A invenção do Sertão” (Potengi) MO Casa dos Pássaros do Sertão (Potengi) Casa do Mestre Frazão (Crato) Casa do Mestre Aécio (Crato)
3ª visita (Mai 2023)	Fundação Casa Grande Memorial Homem Kariri (Nova Olinda) MO do Couro (Espedito Seleiro) (Nova Olinda) MO de Corrinha Mão na Massa (Missão Velha)

**Fonte:** Os autores, 2023.

Neste sentido, as visitas combinam um olhar de turistas e o de profissionais da área, com propostas analíticas estruturais. A participação, como autor do trabalho, de um sujeito diretamente envolvido com o assunto estudado, permite, numa abordagem descritiva e exploratória, construir um cenário mais robusto com detalhes históricos, princípios fundantes e perspectivas de desenvolvimento das questões abordadas. O labor de coleta e análise, contudo, extrapolam este artigo, somando-se ao trabalho de décadas dos autores, seja na interface acadêmica, seja no ativismo local.

Para encetar um debate de natureza teórica e analítica, foram feitas buscas na literatura científica sobre turismo, museus e comunidades. Além do diálogo com a literatura consagrada no grande marco da Nova Museologia, foi feito um levantamento, na base Scopus<sup>6</sup>. Sem propor uma revisão extensiva, o propósito foi apresentar um panorama de debates, especialmente porque partimos da presunção de que as práticas observadas no Cariri devem ter algum paralelo - ainda que não conscientemente conectados - com o que se observa em outros locais.

<sup>6</sup> Descritores de busca na base Scopus em 2 de setembro de 2023: (TITLE (museum) AND TITLE-ABS-KEY (community) AND TITLE-ABS-KEY (touris\*))

São muitas as indagações aqui propostas em uma iniciativa de abertura de reflexões e de diálogo, a fim de, ao apresentar a experiência e buscar trazer um panorama e um quadro analítico e crítico da atividade, com provocações e ideias, poder desdobrar em pesquisas de outra natureza no futuro.

"A casa das pessoas virando Museus. Será que vai "prestá" esse negócio de museu lá em casa?", se perguntou Corrinha Mão na Massa<sup>7</sup> quando convidada a compor a rede de Museus Orgânicos. Ela compartilhou sua história e esta indagação com os autores deste trabalho. Para seguir nestes questionamentos e diálogos, nos debruçamos sobre os MOs da região, visando continuar tratando de perguntas que associam os museus ao desenvolvimento turístico de natureza comunitária.

## **2. A Chapada do Araripe, a Fundação Casa Grande e o turismo**

Nas fraldas da Chapada do Araripe, na pequena cidade de Nova Olinda, no sul do Ceará, surgiu, em 1992, a Fundação Casa Grande (FCG), uma organização da sociedade civil, criada com o objetivo de "proporcionar a crianças e jovens e seus familiares a formação social e cultural através da vivência em gestão institucional dentro dos seus cinco programas: i) educação infantil, ii) profissionalização de jovens, iii) empreendedorismo social, iv) geração de renda familiar e v) sustentabilidade institucional"<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> "Corrinha" é o apelido de Maria do Socorro, por seu trabalho artesanal com o barro. Esta frase nos foi dita durante visita a seu Museu, em 28/05/2023.

<sup>8</sup> Sobre a Institucionalização da Fundação Casa Grande e seus programas, acessar: <https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/>



**Figura 1** - Espetáculo de teatro em frente à Fundação Casa Grande Nova Olinda (CE)



Fonte: Thiago Allis, (dez. 2023)

O público-alvo da FCG são as crianças e o foco de sua atuação é a educação transformadora como base para seu empoderamento, fixação local e o que mais vier como consequência. Somando a atuação da FCG às políticas públicas sociais diversas, o perfil do município se alterou completamente ao longo dos anos. Como exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, o IDHM, “passou de 0,313, em 1991, para 0,625, em 2010, o que representa uma taxa de crescimento de 99,68%” (Gabrielli, 2015, p.78).

Como reconhecimento desta experiência, no Mapa do Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil de 2006, Nova Olinda é reconhecida como um dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional. Tal fato impacta o desenvolvimento regional com infraestruturas, como por exemplo a concessão e ampliação do aeroporto de Juazeiro do Norte e com requalificações de rodovias.

Junto da Fundação, foi criado o Memorial do Homem Kariri, no espaço da FCG, atraindo estudantes, pesquisadores e curiosos. Estes visitantes são mencionados como motivadores do trabalho inicial com hospedagem e, posteriormente, com visita turística, no marco do seu Programa de Empreendedorismo Social<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Para saber sobre os Programas de Empreendedorismo da Fundação Casa Grande: <https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/programas/empreendedorismo-juvenil/> Acesso em 23/12/2022.



Com 31 anos de ações contínuas completados em 2023, a FCG acumula experiências inovadoras e exitosas nas atividades de turismo, que mesclam aspectos culturais locais bastante arraigados, com demandas da atualidade, tanto comunitárias, como de um mercado turístico e de determinados perfis de viajantes, sempre em busca de novidades, experiências, beleza e novos conteúdos.

Taumaturgo e Pereira (2020) informam que a FCG passou a ser ponto de partida para que o turismo aconteça na região. A partir dela as atividades se desenvolvem, empresas são criadas e, as decisões, as conexões e a rede toda é fomentada.

Os atores sociais vinculados à FCG denominam sua atuação ora como de “Turismo de Conteúdo”, ora de TBC ou ambos. O TBC em seus princípios, valoriza a inclusão social, os saberes e fazeres locais, a geração de renda para a comunidade entre outros<sup>10</sup>. Na sua operacionalização, também é possível identificar soluções interessantes para questões recorrentes neste fazer, bem como alguns dilemas comuns, que serão aqui tratados.

Algumas das soluções criadas pela FCG para a geração de renda, inclusão social, fixação de comunitários na região por meio do turismo são: os **Museus Orgânicos** - que serão estudados de maneira mais detalhada, as **Pousadas Domiciliares** - casas de moradores locais, familiares de crianças que participam das atividades da FCG e que se propuseram a acolher visitantes - e as **Moradas de Conteúdo**<sup>11</sup> - casas de pessoas cuja arquitetura, expressa como “arquitetura do afeto”<sup>12</sup> traz ao visitante, a possibilidade de

---

<sup>10</sup> Quanto ao conceito de TBC que utilizamos, vide: BARTHOLÓ, R. dos S. (Org.). Marco Referencial Teórico para o Turismo de Base Comunitária. Relatório Técnico Científico. Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12868402/marco-referencial-teorico-para-o-turismo-de-base-comunitaria>. Acesso em 11/09/2023; BARTHOLÓ, R. ; SAN SOLO, D. G. e BURSZTYN, I. (Orgs.). Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. v. 1. 508p; IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J.; LIMA, M. A. G. de. Turismo: ressignificando sustentabilidade. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2018.

<sup>11</sup> Até 2022 havia duas MC identificadas, sendo uma delas, a do casal fundador da FCG, denominada de “NaMorada: arquitetura do afeto” e a outra, um casarão, sem moradores (Casa da Mãe Yayá, em Barbalha).

<sup>12</sup> O conceito de “arquitetura do afeto” utilizado por Alemberg Quindins, é um termo que combina elementos da arquitetura e da psicologia emocional. É uma abordagem de *design* que se concentra em criar espaços acolhedores, que evocam respostas emocionais específicas e promovem o bem-estar emocional dos ocupantes. Esse conceito reconhece que o ambiente físico em que vivemos, trabalhamos e passamos tempo tem um impacto significativo em nossas emoções e bem-estar. A arquitetura do afeto é centrada no ser humano e no impacto emocional que os espaços podem ter na sua qualidade de vida. É uma área de pesquisa e prática que busca criar ambientes que promovam o bem-estar emocional e a conexão com os espaços que habitamos.

vivenciar e conhecer sobre a vida de moradores, seus fazeres e conexões com o território e a cultura local -, além da própria criação da Agência de Turismo Comunitário (ATC) e de outras empresas ligadas ao turismo.

Dentre as muitas inovações relacionadas ao turismo da FCG, os Museus Orgânicos (MOs) talvez sejam o elemento mais marcante, pelo modo de fazer profundamente enraizado com as comunidades, pela proposição conceitual de seus proponentes e pelo alcance e visibilidade que a proposta alcançou em articulação com os programas de turismo na região.

Embora essas experiências já tenham sido registradas (Barbosa et al., 2020; Barros, 2022; Taumaturgo; Pereira, 2020), consideramos relevante atualizar, bem como aprofundar algumas questões de ordem conceitual sobre os MOs, assim como relativas ao formato e funcionamento destes equipamentos, as articulações e dinâmicas que ocorrem entre os atores sociais envolvidos, especificamente entre as pessoas da comunidade e os visitantes, mas também entre a “meninada” e os mestres e entre os diversos envolvidos nas atividades do turismo.

Também interessa analisar o processo de criação e implementação dos MOs, como experiência que atravessa múltiplas dimensões – cultural, de poder, política, de gênero, perpassando questões de inclusão/exclusão social, emancipação coletiva, territorialização/desterritorialização, tradição/inovação, patrimônio e identidade entre outras possibilidades de leitura.

Antes, contudo, faremos um breve panorama sobre novas abordagens museológicas, ancorado no grande debate sobre Nova Museologia, de forma a entender que posição - e em que condição - os MOs ocupam.

### **3. Transformações na abordagem museal: antecedentes e variantes**

Desde a década de 1970, são debatidas propostas de mudanças de formato e na forma de pensar, organizar, planejar, expor e de ressignificar os acervos dos museus, com a chamada “Nova Museologia”. As mudanças se dão em vários níveis, incluindo o ideológico, nos quais se debate desde as formas e funções das edificações dos museus, a sua programação e integração social, formato das exposições, composição e acesso a acervos, curadoria, entre outros.

Uma busca sistematizada na literatura proporciona um cenário amplo e variado em nomenclaturas e locais de experiências, ainda que, do ponto de vista das filosofias, os princípios fundantes de práticas museológicas comunitárias sejam mais ou menos convergentes. E, como veremos, elas ilustram como as práticas observadas no Cariri estão alinhadas com debates contemporâneos sobre a conjugação de museus e turismo em perspectiva comunitária.

A nomenclatura varia, mas, em geral, alguns elementos fundantes das práticas museais - na interface comunitária - são recorrentes: protagonismo comunitário na concepção, operação e gestão dos museus, perspectiva de desenvolvimento socioeconômico, valorização de culturas normalmente excluídas das práticas museológicas convencionais, experiência *in loco* dos visitantes, apresentação e encontro com cotidianos, importante interface com ambientes externos - lançando mão do território como elemento central do conteúdo musealizado. Também são muito diversas, geograficamente, as experiências, sugerindo que as diferenças de níveis de desenvolvimento econômico não são um elemento a limitar as possibilidades de novas abordagens e práticas museológicas (Quadro 2).

**Quadro 2** - Tipologias e definições de museus de enfoque comunitário

Tipologia	Definições e ênfases
Museus vivos <i>(living museum)</i> <b>Namíbia</b>	<p>"Os <b>museus vivos</b> são projetados e executados por comunidades minoritárias que buscam alcançar a emancipação socioeconômica fazendo uso daquilo que eles entendem ser uma cultura única"            (Horáková et al., 2023).</p> <p>"Os <b>museus vivos</b> são um formato museológico expositivo, que assenta na <b>demonstração de práticas quotidianas</b> e se caracteriza pela <b>interpretação ao vivo</b>. Muitas vezes são criados para estimular o desenvolvimento socioeconômico em zonas periféricas que oferecem opções limitadas de subsistência às comunidades rurais. Para os turistas, os museus vivos pretendem oferecer uma <b>experiência táctil da cultura e história local</b>, ao mesmo tempo que criam <b>espaços narrativos e físicos para os visitantes se inserirem na produção cultural do património</b>"            (Green &amp; Saarinen, 2022).</p> <p>"O ecoturismo de base comunitária (CBE) promove a preservação dos ambientes naturais, meios de subsistência e cultura locais. Tal como os museus vivos, o CBE é um local rico em <b>aprendizagem experiencial do visitante</b>, mas sem o design de aprendizagem intencional e com curadoria característico dos museus (Walter, 2019).</p>

Território-museu <b>Espanha-Portugal</b>	Seguindo os passos dos museus ao ar livre e eco-museus, os primeiros projectos de Território-Museu e rotas culturais nascem, precisamente, nas áreas periféricas com a valorização de elementos patrimoniais tangíveis e intangíveis. Trata-se, no essencial, de <b>estratégias de interpretação, planificação e difusão orientadas para o desenvolvimento económico e sustentável de territórios mais desfavorecidos através da valorização de um recurso não renovável</b> " (Albuquerque, 2023).
Museu Social <b>Espanha</b>	<b>Museu social</b> representa "Iniciativas (...) que se baseiam na <b>participação comunitária</b> , na <b>visão da cultura como uma criação comum</b> e na formação de estruturas de gestão que permitam um diálogo bidirecional e horizontal com agentes públicos e/ou privados. (...) onde predomina a <b>inovação social como forma de gestão cultural e territorial</b> num processo de reapropriação social liderado pela sociedade civil (Corral, 2022, s/p).
Museus Faça Você Mesmo ( <i>Do-it-yourself Museums</i> )	"Os esforços do tipo "faça você mesmo" e comunitários para preservar o património da música popular ocorrem frequentemente em <b>locais tangíveis abertos ao público</b> . Estes locais contrastam com os locais de património autorizado na sua forma, mas não na sua função, e são muitas vezes julgados igualmente pelos visitantes em termos de valor cultural" (Baker et al., 2022).
Museu sem paredes <b>Haváí</b>	"...coleção de arte pública estabelecida por lei que funcionava como um programa de "museu sem paredes", que <b>emprestava obras de arte exibição em edifícios governamentais</b> . (...) O <b>museu desafiou as percepções e práticas operacionais</b> , internamente dos funcionários e externamente do público em geral" (Yoshihara, 2008).
Museu deles mesmos ( <i>Museums of themselves</i> ) <b>Japão</b>	"(...) a museificação proporciona uma segunda às artes populares, indústrias e objetos precários, como bens através dos quais os habitantes locais podem se <b>representar não apenas para si mesmos, mas também para os turistas</b> " (Littlejohn, 2020).
Museu Comunitário  <b>Canadá México Tailândia Uganda</b>	<p>"O objetivo dos museus comunitários "é apresentar os objetos no seu contexto recriado, sob uma <b>dupla função: patrimonial e socioeducativa de acordo com as necessidades das comunidades</b> (...) Esta concepção incentiva a investigação, a preservação e a comunicação do património natural e cultural das comunidades, <b>fortalecendo os processos identitários</b>" (Ortega-Muñoz, 2021).</p> <p>"Os museus locais ocupam um papel crítico, mas também controverso no desenvolvimento do turismo patrimonial. Embora possam ser <b>recursos vitais para a inspiração e organização de atrações turísticas de sucesso</b>, muitas vezes também representam o <b>desejo de lembrar e celebrar o que é cotidiano e local</b>" (Stern &amp; Hall, 2019).</p> <p>"Os museus comunitários em Uganda são iniciativas de <b>indivíduos, famílias ou grupos</b> que coletaram artefactos, história oral e outros elementos da cultura local. Os museus têm feito um esforço para ligar o passado e o futuro através das suas coleções, que ficam <b>acessíveis a escolas, investigadores, residentes locais e turistas estrangeiros</b>" (Ssenyonga, 2018).</p> <p>Na Tailândia, "a maioria dos museus étnicos está localizada na comunidade desses grupos étnicos e apresenta identidade étnica, história e folclore. Os museus históricos locais estão localizados em áreas históricas relacionadas com a vida popular das comunidades e apresentam a história das áreas e das comunidades" (Kanokmongkol, 2016).</p>

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de buscas no Scopus, 2023.

De uma maneira geral, o que se observa é que essas transformações nos princípios e práticas têm como meta a democratização dos museus, revisitando as coleções, os acervos, a forma de expor e de receber visitantes.

Por trás disso, está o compromisso de que todas as mudanças sejam preferencialmente, realizadas em conjunto com comunidades do entorno dos espaços ou, pessoas que tenham conexão e que saibam reconhecer, manusear e valorizar seus acervos, especialmente aqueles que não estavam evidenciados e expostos, de modo a excluir a diversidade. Especialmente importante a lógica desta curadoria ao valorizar outros olhares, poder resgatar a luta contra o esquecimento previsto na lógica da história oficial dos vencedores. Desta forma, há uma dimensão política/de poder, muito importante que traz questões como a valorização da diversidade cultural, tem a comunidade presente e participante das escolhas e das ações do museu, de forma ativa, aberta, interativa e dialógica.

No marco destas denominações, os conceitos de **Museu Integral** e **Ecomuseu** se destacam por partirem do princípio da totalidade dos problemas da sociedade com a qual o museu deve dialogar, de maneira que seja ferramenta permanente de mudança social (Chagas, 2013; 2018). Buscaremos tratar de questões relacionadas a estas abordagens, pois trazem elementos para pensar os MOs.

Para Chagas (2013), que reflete sobre a relação entre memória e poder, os Ecomuseus têm como diferencial em relação aos museus tradicionais, a preocupação de colocar o poder da memória compartilhada nas rotinas museais, a serviço do desenvolvimento social, com potencial de resolução de problemas locais: “O compromisso, neste caso, não é com o ter, acumular e preservar tesouros, e sim com o ser espaço de relação, capaz de estimular novas produções e abrir-se para a convivência com as diversidades culturais” (Chagas, 2013, p. 24). Assim a memória pode estar voltada para o passado, o presente e o futuro. O “lugar” do Ecomuseu extrapola o edifício e transborda para o território todo. São museus comunitários, que partem de demandas sociais - e como mostra o Quadro 2, muitas são as abordagens alinhadas ou derivadas deste pressuposto no mundo.

Outra denominação - Museologia Comunitária, também mencionada nos documentos da FCG - põe em destaque os museus como espaços formativos. Nas palavras de Brandão (2016), isso vem "ressignificando os museus como espaços (...) de formação política dos indivíduos e de comunidades engajadas no processo de forjar suas próprias narrativas museais" (p. 6).

Nessas movimentações, muda a forma de se fazer a curadoria, de alterar as políticas públicas que tratam do assunto, realçando seu papel social e, incluindo em seu rol de atuação preocupações com sustentabilidade, diversidade e inclusão. Tal revisão teórico metodológica já se reflete nas definições de museus e políticas, especialmente desde os anos 2000.

Grandes museus experimentam mudanças radicais na forma de expor seus acervos, incorporam itens do cotidiano nas exposições entre quadros icônicos e objetos de arte consagrados, trazendo ao visitante, a possibilidade de compreender o contexto da época, de forma mais complexa, incluindo as pessoas invisibilizadas, permitindo questionamentos e aprofundamento da compreensão do mundo. Artefatos, por vezes têm seus textos explicativos revisados ou reinterpretados para que visitantes possam ser estimulados a pensar sobre o tema, tirar suas conclusões, reinterpretar o passado, o presente e o futuro, e, com isso, por vezes, é possível fazer reparações históricas e provocar debates importantes.

No Brasil, novos tipos de museus/ecomuseus/museus comunitários entre outros têm sido inaugurados, como o Museu da Maré, RJ, criado por jovens moradores da região, objetivando uma "auto-representação da favela da Maré, fortalecendo uma imagem positiva da favela, bem como a autoestima de seus moradores"<sup>13</sup>. O Museu Territorial de Interesse de Cultura e da Paisagem: Museu Territorial de Interesse da Cultura e da Paisagem Tekoa Jopo'í, SP, "propõe diálogos, conecta movimentos sociais, resgata a memória da região, e divulga as lutas que acontecem no território através de mecanismos vivos de ações coletivas e incentiva a sustentabilidade local"<sup>14</sup>. O Museu da Pessoa, o das Favelas e o das Culturas Indígenas, todos em São Paulo, reforçam uma tendência a unir lutas sociais com objetivos diversos.

---

<sup>13</sup> <https://www.museusdorio.com.br/site/index.php/museus-cidade-do-rio/area-de-planejamento-3/item/88-museu-da-mare> Acesso em 09/03/2023.

<sup>14</sup> <https://ims.com.br/convida/comunidade-cultural-quilombaque/> Acesso em 09/03/2023



A abertura ao diálogo, ao entorno e aos movimentos sociais, neste momento histórico, trará releitura e novos significados aos objetos e ao patrimônio em geral. Isso pode dar vida e humanizar coleções, especialmente quando as exposições são realizadas em uma curadoria conjunta com pessoas das culturas retratadas, lugares de fala e representativas do povo. Faz toda a diferença e isso tem sido prática recorrente a partir dos anos 2000.

Várias destas tendências de mudanças podem ser encontradas nos MOs. Há uma desterritorialização, uma fuga do que costuma ser um museu tradicional com acervos e coleções intocáveis e protegidas. Itens do cotidiano ou ritualístico, de uso popular, conhecidos pela comunidade, mas nem sempre pelos visitantes, são escolhidos e expostos e, cabe ao mestre, em diálogo com o visitante, apresentar e dialogar sobre seus significados, de forma a se obter aprendizados conjuntos.

### **Museus Orgânicos: tecnologia social<sup>15</sup> para um "turismo de conteúdo"**

É significativa a quantidade e a diversidade de tipos de museus no Cariri. São muitos e variados enquanto formatos, tamanhos, gestão sendo alguns deles criados e mantidos pelo poder público; outros pela iniciativa privada, podendo ser por empresas/particular/organizações da sociedade civil ou por segmentos da Igreja católica. Alguns possuem formatos bastante conhecidos e outros, inovadores, especialmente os geossítios e os MOs e suas variações.

Holanda (2021) identificou 55 unidades museológicas no Cariri e as classificou quanto a sua diversidade de tipologias de acervo, gestão, localização entre outros. Neste contexto, os MOs estariam enquadrados como processos museológicos (programas, projetos e ações conforme regulamentação específica) “em desenvolvimento ou desenvolvidos com fundamentos teórico e prático da museologia, que considere o território, o patrimônio cultural e a memória social de comunidades específicas, para produzir

---

<sup>15</sup> "O conceito de tecnologia social aponta para processos políticos que criam lugares e oportunidades para redefinir os arranjos e regras entre grupos sociais, artefatos e métodos utilizados na vida cotidiana, especialmente para produção e consumo. Eles são construídos para atender a uma demanda ou redefinir um problema, desencadeando assim a transformação social. O termo 'tecnologia' vai além dos artefatos físicos e inclui metodologias e formas de organização" (Pozzebon, Fontenelle, 2018, p. 2, tradução nossa).

conhecimento e desenvolvimento cultural e socioeconômico” (Regulamentação do Estatuto dos Museus. Decreto Presidencial 8.124/2013, art. 2º, inciso X).

Invenção da Fundação Casa Grande, o primeiro espaço foi inaugurado em 2014 e depois viria a ser denominado como Museu do Ciclo do Couro, em Nova Olinda. Repletas da riqueza cultural da região e mediante o incentivo da legislação estadual que titula Mestres de Cultura no Ceará<sup>16</sup>, algumas casas e/ou oficinas são identificadas pela FCG, em um processo de diálogo e parceria e “se tornam” MOs. Esse processo inclui transformações que visam a organização do espaço, como pequenas obras civis, organização de acervos, elaboração de conteúdos explicativos a serem exibidos, entre outros.

**Figura 2** - Museu Oficina Ciclo do Couro, Espedito Seleiro - Nova Olinda (CE)



**Fonte:** Thiago Allis, (fev. 2023)

A partir do primeiro MO, desenvolve-se um planejamento anual para a implantação dos seguintes, já com uma dinâmica e metodologia próprias, parceiros, recursos e expectativas para o funcionamento de uma lógica de rede, que tem inúmeros propósitos e missões. O conjunto de MOs já avança para além dos municípios próximos a FCG, pelo

<sup>16</sup> Segundo parágrafo único do artigo 1º da Lei LEI 13.351, de 22.08.03 do Estado do Ceará, Mestre de Cultura é: “a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma comunidade estabelecida no Estado do Ceará”. Disponível: <https://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramitando/lei/13351.htm> Acesso em 27/12/2022.

Ceará; no momento da redação deste artigo, eram treze os MOs em funcionamento (Quadro 3) e, segundo Júnior dos Santos, há orçamento para a implantação de outros 30 a partir de 2023/2024, na parceria que a FCG tem com o Serviço Social do Comércio do Ceará (Sesc-CE) e o Fecomércio.

**Quadro 3 - Museus Orgânicos Implementados até 2023**

Localidade	Museus Orgânicos
Nova Olinda	I. Fundação Casa Grande Memorial Homem do Cariri II. Museu do Ciclo do Couro - Memorial Espedito Seleiro III. Museu Casa Antonio Jeremias Pereira IV. Museu Casa Oficina Dona Dinha (tecelã)
Potengi	I. Museu Casa Mestre Antônio Luiz (brincante de reisado) II. Museu Oficina “A invenção do Sertão” (Mestre Françaçuli) III. Museu Casa dos Pássaros do Sertão
Crato	I. Museu Casa de Telma Saraiva (fotografia) II. Museu Casa da Mestra Zulene Galdino III. Museu Casa do Mestre Raimundo Aniceto
Quixeramobim	I. Museu Oficina Antonio Rabelo
Juazeiro do Norte	I. Museu Casa do Mestre Nena II. Museu Casa de Doces João Martins
Missão Velha	I. Museu Casa Oficina de Corrinha Mão na Massa

**Fonte:** Os autores, 2023.

Segundo Barbosa e colaboradores (2020, p. 9), “a definição e nomeação dessa ação de musealização comunitária e popular como Museu Orgânico surgiu numa das reflexões fortuitas do Fundador Alembert Quindins, já em 2016, após o amadurecimento do projeto e implantação de um novo museu, o Museu Casa de Antônio Jeremias Pereira (Nova Olinda-CE), inaugurado em 21 de abril de 2017”<sup>17</sup>. A FCG, contudo, desde 1992 possui o Memorial Homem Kariri.

<sup>17</sup> O Museu Casa de Antônio Jeremias foi montado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), através de projeto aprovado pela Fundação Casa Grande, no Edital Pontos de Memória 2014.

Para Alemberg Quindins, o essencial dos MOs "não vem de teses acadêmicas ou tratados científicos"; na realidade, ele se manifesta em "**afeto e arte**", onde "**a invisibilidade do encantado** se apresenta em forma de simplicidade na relação entre a natureza humana e o **espaço ocupado**" (apud Barbosa et al, 2020. p. 5, ênfase adicionada). Na prática, os MOs possibilitam "ao visitante transitar nos terreiros, oficinas, casas e despertar seu encantamento no diálogo com os moradores ao aprofundar o conhecimento da forma como expressam sua percepção de mundo" (Barbosa et al, 2020, p. 7).

Importante notar que, no Ceará, desde 2003 a Lei 13.351, instituiu o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado (RMTP) e anualmente novos títulos são conferidos. Segundo o parágrafo único do artigo 1º desta lei, Mestre de Cultura é "a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma comunidade estabelecida no Estado do Ceará" e com isso, ela recebe um auxílio financeiro mensal vitalício de um salário-mínimo. Cabe ao mestre proteger e disseminar as práticas culturais e, assim, buscar garantir a herança cultural local. A ideia dos Museus Orgânicos foi sendo delineada, aos poucos, para celebrar suas vidas, registrar, dar visibilidade, possibilitar a sustentabilidade financeira deles e dos que vivem no entorno, via visitação turística. A iniciativa então, uniria a política pública do registro de mestres, a outros títulos concedidos por universidades, como o de notório saber, ao campo do turismo, da visitação e tudo o que isso implica, ampliando e inovando a lógica da política cultural no campo da museologia social.

Segundo Barbosa et al. (2020), "a noção dos "Museus Orgânicos" traz na sua essência a valorização das histórias de vida dos mestres brincantes, de suas artes e ofícios", sendo "espaços sagrados, nos quais os saberes e as experiências dos mestres surgem em contexto com a força cultural dos territórios e de suas comunidades, garantindo assim a permanência do patrimônio material e imaterial das memórias e tradições cearenses" (p. 5).

A organicidade se dá na interação entre as pessoas, habitantes e visitantes, na relação das pessoas com o espaço, na experiência vivida, entre o cotidiano e o esporádico de quem visita e que se renova constantemente. Quindins (2023) em uma conferência, disse que "Museu não é lugar de contar uma história. Museu é lugar de conversar histórias".

Para ele, “o mais importante na humanidade é a junção, são essas partes sensíveis que transformam o ser humano”, criando vínculos, mais do que entretendo as pessoas.

Dois dos autores - moradores de São Paulo - tiveram várias experiências de visita quando puderam vivenciar a relação de afeto e confiança estabelecida com a ATC, especialmente porque essas pessoas abrem suas casas e locais de ofício para visitantes alheios à realidade cultural da região, na maior parte dos casos. Antes ou para além de explicações padronizadas, as visitas eram envolvidas - com diferentes temporalidades - de conversas pessoais, coisas corriqueiras, questões domésticas ou familiares etc. Sem um planejamento muito preciso, o conteúdo mais específico da visita - por exemplo, a história do reisado do Sr. Antonio Luiz - emergia a partir de algum estímulo do guia-condutor ou da curiosidade dos visitantes.

**Figura 3** - Museu Orgânico Mestre Antonio Luiz - Potengi (CE)



**Autor:** Thiago Allis, (fev. 2022).

Há vidas pulsando, uma dinâmica que contrasta com a ideia comum de museus e memória, trazendo a lógica da memória material e imaterial vivas, de trocas e de conteúdos circulando, incluindo afetos, sentimentos diversos nas experiências vivenciadas. Ao

entrarem em contato, segundo Quindins (2023), “os visitantes passam a construir os conteúdos. A história não tem fim. Todo momento ela está se renovando a cada visita”.

A organicidade também está na rede de relacionamentos necessária ao funcionamento deste todo, que envolve a comunidade de Nova Olinda e vai além: a FCG tem expandido fisicamente seus projetos para outros municípios, ou circulando seus conteúdos por meio de relatos e prêmios que lhe deram reconhecimento e visibilidade nacional e internacional<sup>18</sup>. Esta rede engloba pessoas que, à distância, conhecem e promovem, cada vez mais, a cultura, as comunidades, seus atores sociais, os trabalhos e produtos da região.

Tais visitas podem colocar em diálogo classes sociais e gerações diversas, a lógica urbana e a rural, o passado e o presente, o emergente e o tradicional, a pressa com a demora e nesta troca, aprendizados diversos podem acontecer. A memória local é ativada, o pertencimento, o orgulho estão ali para serem trabalhados constantemente, diante de encontros esporádicos de alteridades.

Os MOs são como pontos de cultura, com conteúdos diversos. As pessoas e seus acervos, constituídos por objetos por elas escolhidos para serem compartilhados, passam a ter uma narrativa, que é pública e que fala sobre si e sobre a comunidade como um todo. São espaços que experimentam novas formas de uso e de apropriação. Despertam curiosidade e convidam pessoas a virem conhecê-las.

---

<sup>18</sup> Os Museus Orgânicos receberam, entre outros, o Prêmio Delmiro Gouveia de Economia Criativa em 2020 na categoria de Patrimônio com o relato do projeto Museus Orgânicos da Chapada do Araripe; e o 11º Prêmio Ibermuseus de Educação pelo Projeto Arqueologia Social Inclusiva – Educar pelo Patrimônio nos Museus Orgânicos da Cultura, em 2020.



**Figura 4 - Oficina Museu do Sr. Luiz Ferreiro - Potengi (CE)**

**Autor:** Thiago Allis, (fev. 2022).

Mas como ocorre esta transformação da casa ou da oficina em MO?

Há mestres consagrados, reconhecidos por suas vocações que são convidados a terem suas casas e/ou oficinas transformadas em museus. Outras pessoas podem ser escolhidas por critérios diversos, que incluem a comprovação da preservação da identidade local, ser um celeiro de saberes da Chapada do Araripe, e compartilhá-los, afora serem reconhecidos pela comunidade.

Segundo Barbosa et al. (2020), o processo de estruturação ocorre em diálogo permanente entre os envolvidos e visa compor um circuito cultural que auxilie a geração de renda local. Por isso, a gestão do MO precisa ser integrada à rotina familiar e “ao mesmo tempo em que o mestre conta suas histórias, as paredes ilustram o cenário simbólico e afetivo na Casa do Mestre” (p. 12).

Cabe à pessoa escolhida para ter seu espaço transformado em museu, em conjunto com a FCG, redimensionar o local, seus usos, projetar eventuais adequações e decidir sobre o que expor e o que resguardar. Afora isso ocorre a produção de conteúdos via imagens e textos que serão expostos (quadros com fotografias, cartazes, poemas ou outros) e, todos têm uma identidade visual com uma placa padronizada dos MOs e seus apoiadores.

A partir destas experiências espera-se que haja complementação na renda dos mestres e suas comunidades, direta ou indiretamente, via oferta de serviços.

A FCG planeja anualmente o investimento a ser realizado junto aos parceiros, que são o Sistema Fecomércio e o Sesc-CE, e, assim, quantas iniciativas poderão ser escolhidas, os locais e as prioridades. O trabalho de registros, comunicação, educativo, orientação, reformas do espaço é conduzido para que não haja perda da identidade do local, permitindo melhorias visando a adequada qualidade de vida de seus moradores e a acolhida aos visitantes.

Quanto à visitação esta precisa ocorrer mediante agendamento o qual, geralmente é feito pela ATC, mas que pode ser realizado diretamente com os anfitriões. A ATC destaca a figura de um mediador para a visita. Embora não seja cobrada taxa de ingresso, o visitante pode comprar produtos e serviços, que variam de alimentação a hospedagem, podendo ser também a exibição de manifestações culturais e outros.

A viabilidade para o funcionamento, o custo e os investimentos são baixos, visto que, após o aporte inicial nas reformas e adaptações de um espaço já existente, há um custo fixo e previsto de antemão, considerando a existência prévia do imóvel, com suas contas pagas pelos moradores. O projeto traz a possibilidade de concorrer a financiamentos de outras naturezas, como leis de incentivos fiscais, culturais ou outras políticas públicas que, se acessadas, possibilitam a conservação e a manutenção dos espaços e da proposta como um todo. A gestão cotidiana do lar segue sendo realizada pelos moradores.

Com tudo funcionando, tem-se a expectativa de que a proposta ajude a fortalecer vínculos comunitários, realce ou promova o orgulho cultural, com a fixação de jovens na região via criação de trabalho e renda, cadeia de economia criativa, da cultura e do turismo, com a expectativa de que sejam valorizadas e resguardadas tradições, memórias e a ancestralidade de um povo. Está contida nesta proposta a ideia de que há inteligência acumulada nestes territórios, com pessoas muitas vezes invisibilizadas por parte da população, e, sobretudo, pelo poder público.

Ações como esta podem dar espaço para questionamentos que, por sua vez, podem indicar novas lutas e forjar cidadãos entre seus participantes, bem como produzir transformações socioespaciais com base em novas demandas. Para as crianças da FCG, em especial, o contato com a memória e o passado dos mestres, pode contribuir para a valorização da identidade e produzir sentimentos comuns que provocam a pensar caminhos

e soluções aos problemas existentes, via solidariedade e outros atributos fundamentais para a manutenção da ideia de coletividade que traz consigo criatividade, identidade e resistência. É também oportunidade de estarem em contato com profissões em vias de extinção e que obtendo interesse e propósito, mesmo que turístico, podem vir a ser revitalizadas.

No caso de turistas e visitantes, conhecer e compartilhar destas realidades, quebrar estereótipos e preconceitos, entender seus desafios, pode provocar novos sentimentos, empatia, valorização e engajamento. Novos olhares próximos e ampliados têm potencial de transformar percepções e visões de mundo, em suas vidas, modificando determinadas lógicas e tecendo pontes transformadoras.

O Brasil “de dentro/profundo” é comumente visto por meio de noticiários, por um recorte econômico que evidencia pobreza, escassez e algumas tragédias. As “boas experiências” que eventualmente aparecem nas telas são tratadas como casos excepcionais, dados por pessoas diferentes, iluminadas e, por vezes, pitorescas. A forma de vida local é comumente ignorada ou romantizada, o que poderia ser diferente com escuta, diálogo e empatia na comunicação entre diferentes realidades. O reconhecimento da complexidade local, dos saberes, costumes e modos de vida pode resultar na desnaturalização e valorização das comunidades visitadas. São formas de ver, rever, visitar e até “transver” o mundo, como diria Manoel de Barros: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo<sup>19</sup>”.

Mestres ou não, suas famílias e vizinhos têm suas histórias e elas estão ligadas à memória da coletividade e que nos contam sobre as relações sociais e entre humanos e o ambiente. Realçar tais narrativas, reconhecer cada pessoa como agente histórico é, de alguma forma, quebrar o ciclo de invisibilidade e preconceitos e oportunizar novos olhares sobre processos de construção de identidades locais e do Brasil como um todo.

### **Uma rápida reflexão sobre os impactos dos Museus Orgânicos**

Na grande região que circunda Nova Olinda, o turismo tem sempre sido colocado como alternativa para a geração de renda, seja qual for a modalidade ou segmento proposto. E ele tem sido uma estratégia importante operada pela FCG e valorizada junto

---

<sup>19</sup> Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 1996

às demais, em diversas frentes numa região do Brasil com grandes demandas sociais e econômicas e tem produzido resultados visíveis e significativos. Para além dos impactos na renda, na inclusão social e na fixação de pessoas no local, diante da criação de alternativas de trabalho e de interesse cultural, as experiências, por exemplo, os MOs, trazem muitas outras questões para pensar. Algumas foram sendo trazidas ao longo do artigo e agora tentamos sintetizar.

Talvez a principal questão a ser colocada é sobre o real impacto na vida e sobrevivência dos mestres da cultura e de seus legados. A valorização, que se dá por meio de títulos e dos inúmeros convites que recebem para participações em eventos e premiações, o recebimento de um salário-mínimo vitalício e através da vinda de visitantes interessados em seus fazeres e saberes modificou suas rotinas? Sustenta suas necessidades e sua saúde? Garante qualidade de vida e consegue assegurar a continuidade de seus legados?

Para além do respeito e da sua valorização formal, tais conquistas, considerando a lógica do TBC e de um “turismo social inclusivo” - para comparar com o conceito de “arqueologia social inclusiva<sup>20</sup>” propagado pela FCG - extrapolam para suas famílias e comunidade, em benefícios diretos e indiretos? Considerando que em sua maioria, os mestres são pessoas pretas/pardas ou indígenas, vivem em localidades mal assistidas pelo poder público e idosas, há que se pensar em formas de sobrevivência e dignidade para eles, suas famílias e comunidades. Importante também projetar a manutenção dos grupos de arte popular por eles liderados.

Considerando tais condições de vida, misturadas ao amor incondicional pela cultura demonstrado pelos mestres, não há dúvidas que se fazem urgentes, melhorias nas políticas públicas para mestres e seus grupos e para a cultura popular em geral. O Ceará desde 2003 é precursor no Brasil, destas políticas embasado na instituição em 2000, pelo Ministério da Cultura, da figura do registro de patrimônio imaterial. Portanto, com mais de vinte anos de estrada, já é tempo para reavaliar e aprimorar tal legislação estadual e a nacional.

---

<sup>20</sup> Para saber mais sobre arqueologia social inclusiva: Limaverde, R. (2015) Arqueologia Social Inclusiva: A Fundação Casa Grande e a Gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, CE, Brasil. 2015. 405 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra. Acesso em 13 de set. 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/28110>.

Tal como nos museus tradicionais, que resguardam a memória do passado, é sabido que há ofícios extintos e outros em processo de extinção, mas ainda sendo realizados. Será que a criação dos MOs pode influenciar na manutenção deles? Sem colocar aqui em questão a riqueza, a necessidade, a pertinência ou mesmo a beleza destas atividades, ponderamos sobre seu futuro. Para ilustrar, algumas das atividades dos mestres apresentadas nos roteiros são de profissões extintas ou em vias de extinção. Até quando teremos aboiadores? E os brincantes?

A questão aqui está colocada retoricamente, pensando na lógica diferenciada destes museus e de suas gentes, com suas profissões e vidas finitas. A reflexão deve envolver a importância de registrar estes fazeres, em vista do desconhecimento e desinteresse, cada vez mais comum, especialmente das novas gerações. Tal necessidade inclui também as manifestações e festividades que se desdobram das conquistas alcançadas com as colheitas de culturas agrícolas, que vão deixando de ter sentido, além das questões ambientais que as afetam.

Nesta perspectiva intergeracional, será que a FCG em seus planos de gestão em relação ao futuro de seus jovens, do turismo e dos museus, prevê isso? Quem serão os futuros mestres? Há algum trabalho sendo realizado para que “a meninada” se projete como futuros mestres de cultura? Quais os diálogos possíveis entre “a meninada” da FCG e os mestres de cultura neste sentido?

Pensando sobre o potencial destes MOs, como espaços de experimentação intergeracional e de inteligência coletiva, de intercâmbio e interculturalidade que estão só começando, eles podem ser considerados tecnologias sociais em lugares propícios ao desenvolvimento social, com capacidade para provocar melhorias às comunidades locais e às do entorno.

### **Para não concluir: algumas reflexões finais e apontamentos futuros**

A partir da criação destes MOs estão sendo oferecidos roteiros de visitação, como em uma rota temática e, distantes uns dos outros, às vezes em municípios diferentes (Quadros 1 e 2) podem compor algo que se assemelhe a um território criativo, a um grande Museu Territorial cariense, perpassando e instigando transformações socioeconômicas e novas dinâmicas socioespaciais para a comunidade. Ainda que de forma ainda incipiente,

porém com potencial para produzir demandas e ressignificar os espaços e os municípios em suas bordas e inovar com possíveis soluções provenientes destes novos arranjos coletivos, que colocam em diálogo as pessoas do local, seus saberes, suas memórias, seus valores e suas lutas.

O que se instituiu por meio da FCG é um sistema complexo de desenvolvimento sócio territorial que, no momento, depende de poucas pessoas para funcionar, mas já se observa uma demanda crescente. A atividade de agendamento e visitação está sob controle da FCG, em especial da ATC. Mas há outras empresas e atores atuando na região e novas pactuações se mostram necessárias e urgentes. Como estabelecer um empoderamento de todos os atores envolvidos, sem colocar em risco a identidade e a lógica da proposta, diante de novos atores sociais e acontecimentos previsíveis, especialmente mediante o sucesso da atividade?

Por sua vez, a gestão do turismo promovida pela FCG baseada numa lógica de empreendedorismo social pode levantar alguma controvérsia, especialmente pela adoção do formato de MEIs, como no caso da Agência de Turismo Comunitário (ATC), que se inicia como cooperativa e depois migra para este novo formato. A questão da propriedade e da gestão dos empreendimentos de turismo é um dos aspectos muito importantes e significativos no TBC e, embora existam opções, conforme discutido por Barros-Freire, Rabinovici e Neiman (2019) a escolha por MEIs é uma das novidades trazidas pela FCG a ser observada de forma crítica.

Sabe-se que não há como seguir à risca todos os princípios do TBC e que, muitas vezes, a própria comunidade, em seu protagonismo e capacidade decisória, renuncia a alguns deles, por pragmatismo ou por experiências anteriores em face à realidade local, como ocorre na FCG. No caso em tela, questões pragmáticas, especialmente relacionadas aos custos tributários experimentados quando existia a Cooperativa, tornaram a opção por esta modalidade indesejável e impraticável do ponto de vista administrativo, segundo informou nosso coautor local, que participou de todo este processo. No entanto, sendo a propriedade e a gestão do turismo no TBC exercidas de forma comunitária um princípio fundante, mesmo que os donos dos empreendimentos sejam pessoas da comunidade, há, de alguma forma, aspectos cuja coerência conceitual/prática rendem interessantes discussões no que diz respeito a esta modalidade de turismo e suas bases.



Sendo esta a opção assumida, como ocorrem as tomadas de decisão e a transparência no turismo na atualidade, considerando que são muitas as atividades e divididas em microempresas individuais? As decisões seguirão sendo compartilhadas ao longo do tempo? Interesses conflitantes seriam uma ameaça futura, considerando as oportunidades de negócios existentes, seu sucesso e aumento da demanda da comunidade por participação?

A proposta do "turismo de conteúdo" e suas atividades, no entanto, embora conte com a participação e engajamento dos envolvidos, parte de uma ideia da FCG e não de uma mobilização comunitária. Esta é uma questão importante, já que o TBC se fundamenta no protagonismo da comunidade, seu empoderamento e ação política, mesmo quando é trabalhado junto a determinadas instituições, das quais a comunidade não pode depender. A questão do estímulo à criação de MEIs, em tese, não colabora para este engajamento e laços solidários entre os empreendedores.

Constatando que há um empenho grande em fazer crescer a atividade, seus indicadores e a possibilidade de a ação ter um impacto e relevância maior do que já tem, qual seria a linha entre esse mercado em crescimento e as trocas humanas e interações hoje existentes? Como pensar limites para evitar possível mercantilização descaracterizadora das atividades e da cultura local?

Com os MOs e experiências correlatas, os conceitos de patrimônio voltam a ser revisitados/reconfigurados. Estamos diante de uma aposta em novos formatos de museus/monumentos e patrimônios, com uma vitalidade própria e uma evolução no significado monumento/patrimônio que enfatizam o aspecto humano/social, visando uma emancipação comunitária em um constante trabalho coletivo de produção. Os museus são as pessoas em suas comunidades! É necessário perguntar: o patrimônio a serviço de quem? De quem? Dos turistas e/ou dos comunitários? Com novos formatos de valorização da identidade em cada território, seriam estas ferramentas capazes de promover valores culturais, de repensar sobre periferia e centro - afinal, onde está o patrimônio? Além dos microempreendedores e outras pessoas atuantes com turismo direta ou indiretamente e dos mestres, pessoas da localidade estão se beneficiando? Como?

Questões retóricas, pragmáticas e de todo tipo estão aqui colocadas, posto ser uma experiência local nova, em andamento e bastante interessante. Depende de inúmeros

fatores para funcionar, mas, sobretudo, de pessoas, de produção de significados e de interações e afetos espontâneos e imprevisíveis.

Inadvertidamente (ou não), a experiência dos MOs está em consonância com outras existentes, que estão revendo modelos tradicionais dos museus há pelo menos duas décadas, incluindo novas formas de pensar e expor acervos e de se relacionar com a sociedade em geral. Tais experiências, inclusive, têm resultado na mudança da própria definição de museu e, conseqüentemente, de algumas políticas públicas.

Por fim, como qualquer atividade pioneira e bem-sucedida, é importante pensar em sua replicabilidade. Ter a ideia de MOs como replicável é boa? Seria uma fórmula ou seriam princípios, ou, ainda, processos? Este artigo buscou apresentar experiências que se multiplicam, a partir de um itinerário ímpar iniciado pela FCG e que traz inúmeros elementos para reflexão e eventual implementação em outros contextos. Afinal, será que vai prestar estes museus nas casas?

## REFERÊNCIAS

Albuquerque, P. A. (2023). Territórios-museu em espaços marginais: uma proposta para a valorização e interpretação do patrimônio cultural da Raia do Baixo Guadiana. PASOS. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 21(3), 527-536.

[doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.036](https://doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.036)

Baker, S. Cantillon, Z., Istvandy, L. & Long, P. (2022) The values and value of community heritage: visitor evaluation of do-it-yourself museums and archives of popular music in Europe, Australasia and the United States of America. *Journal of Heritage Tourism*, 17(2), 190-203, [doi.org/10.1080/1743873X.2021.1888957](https://doi.org/10.1080/1743873X.2021.1888957)

Barbosa, F. P., Melo, J. P. P. & Lopes, M. C. (2020). Patrimônio cultural imaterial da Chapada do Araripe e os Museus Orgânicos da cultura. 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil / 1º Simpósio Científico ICOMOS-LAC. Rio de Janeiro – 10 a 13/11/2020

Barros Freire, J. M., Rabinovici, A. & Neiman, Z. (2019). Desafios da autonomia e empoderamento comunitário na gestão da Pousada Uacari na RDS Mamirauá (AM). *Caderno Virtual de Turismo*, 19(2), 1-25, [doi.org/10.18472/cvt.19n2.2019.1515](https://doi.org/10.18472/cvt.19n2.2019.1515).

Barros, R. (2022, 7 de julho.). Museus Orgânicos. *SESC*. <https://tinyurl.com/4j42uvyd>.

Brandão, C. R. F. (2016). Prefácio. In: Organização dos Estados Ibero-americanos. Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social / Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (pp. 6), Phábrica.

Chagas, M. S. (2013). Memória e Poder: contribuição para a Teoria e a Prática nos Ecomuseus. In: Maria Leinad Vasconcelos Carbogin (Org.). *Memória Viva de Icapuí*. (1a.ed., p. 20-29), Fundação Brasil Cidadão.

\_\_\_\_\_ (2018). Museu Integral. In: Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: [https://www1.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/2656/caderno\\_da\\_politica\\_nacional\\_de\\_educacao\\_museal.pdf](https://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2656/caderno_da_politica_nacional_de_educacao_museal.pdf) Acesso em abril de 2023.

Corral, O. N. (2022). Société, musées et réappropriation sociale comme « utopie » : modèles de musées de société en Espagne, *Culture & Musées [Online]*, 39, [doi.org/10.4000/culturemusees.7804](https://doi.org/10.4000/culturemusees.7804)

Gabrielli, C. (2015). Fundação Casa Grande e o desenvolvimento turístico de Nova Olinda/CE: novas possibilidades de diálogo entre a cultura local e o Turismo. *Turismo: Estudos & Práticas*, 4(2), <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo>

Gómez, C. P., Falcão, M. C., Cherem, L. & Silva, T. N. A. (2016). A participação da comunidade no Turismo de Base Comunitária. *Caderno Virtual de Turismo*, 6(2), 263-279, [doi.org/10.18472/cvt.16n2.2016.1190](https://doi.org/10.18472/cvt.16n2.2016.1190)

Green, I. & Saarinen, J. (2022). Changing Environment and the Political Ecology of Authenticity in Heritage Tourism: A Case of the Ovahimba and the Ju/'Hoansi-San Living Museums in Namibia. In: J.Saarinen, B. Lubbe & N.N. Moswete. (Orgs) *Southern African Perspectives on Sustainable Tourism Management. Geographies of Tourism and Global Change*. (pp. 139-152). Springer.

Holanda, C. R. (2021). Um panorama da situação museológica no Cariri Cearense de hoje. In: Silva, J. F.; Oliveira, P. W. A.; Pereira, C. E. G.; Costa, A. P. R. *Patrimônio e práticas culturais: perspectivas transdisciplinares da patrimonialização e dos saberes-fazer populares* (pp. 269-287). DINCE

Horáková, H., Kufová, J. & Raúl, N. (2023) Living museums in Namibia: between empowerment and exploitation, *Anthropology Southern Africa*, 2023, 46(1), 34-50, [doi.org/10.1080/23323256.2023.2189443](https://doi.org/10.1080/23323256.2023.2189443)

Kanokmongkol, N. (2016). The Situation of Community Museums in the North of Thailand. In: N. Sonoda (Orgs) *New Horizons for Asian Museums and Museology* (pp. 145-153 ), Springer.

Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003. Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará (RMCTP-CE) e dá outras providências. Ceará. <https://tinyurl.com/3x74t3ke>. Acesso em: 07 de jul. 2022.

Littlejohn, A. (2021) Museums of themselves: disaster, heritage, and disaster heritage in Tohoku, *Japan Forum*, 33(4), 476-496, [doi.org/10.1080/09555803.2020.1758751](https://doi.org/10.1080/09555803.2020.1758751)

Moura-Fé, M. M. (2017). Um mundo chamado Cariri. *Ciência e Cultura*, 69(2), 4-5. <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000200002>

Nascimento Junior, J. ; Trampe, A. & Santos, P. A.. (Orgs.) (2012). Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos em el mundo contemporâneo: Vol. I. Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. Brasília: IBRAM/MinC: Programa Ibermuseos. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdetx5hd>. Acesso em 9 de jul. 2022.

Ortega Muñoz, A. (2021). Museo Comunitario de Morocoy: su importancia como lugar de sociabilidad cultural para la comunidad y para el turista. *Estudios de Cultura Maya*, 58, 271-292, [doi.org/10.19130/iifl.ecm.2021.58.23869](https://doi.org/10.19130/iifl.ecm.2021.58.23869) .

Pozzebon, M. & Fontenelle, I. A. (2018). Fostering the post-development debate: the Latin American concept of tecnologia social. *Third World Quarterly*, 1–20. [doi.org/doi:10.1080/01436597.2018.1432351](https://doi.org/10.1080/01436597.2018.1432351).

Quindins, A. (2023, 6 de julho) Conferência de encerramento: A responsabilidade dos museus com o presente e o futuro: um apelo à ação. *Jornada Ibero-Americana Museus e Sustentabilidade: ferramentas, práticas e estratégias*. <https://www.youtube.com/watch?v=HyGMoixQqlc>

Ssenyonga, F. N. (2016) The Emerging Role of Community Museums in Uganda: The Need for Capacity Building Among Managers. *Museum International*, 68(1-2), 125-129, [doi.org/10.1111/muse.12096](https://doi.org/10.1111/muse.12096)

Stern, P. & Hall, P.V. (2019), "I DON'T WANT MY TOWN TURNED INTO A SPECTACLE": Community Museums as Tactics. *Museum Anthropology*, 42, 28-41. <https://doi.org/ez67.periodicos.capes.gov.br/10.1111/muan.12194>

Taumaturgo, I. A & Pereira, R. C. F. (2020). Próxima parada, Nova Olinda/CE: justiça distributiva no turismo de base comunitária. *Caderno Virtual de Turismo*, 20(2), <doi.org/doi.org/10.18472/cvt.20n2.2020.1707>

Thorner, S.G. (2022), BEING CALLED TO ACTION: Contemporary Museum Ethnographies. *Museum Anthropology*, 45, 3-14. <doi.org/10.1111/muan.12243>

Walter, P. (2020) Community-based ecotourism projects as living museums. *Journal of Ecotourism*, 19(3), 233-247, <doi.org/10.1080/14724049.2019.1689246>

Yoshihara, L. (2008). The Creation of a Public Art Museum: Transforming the Museum Without Walls as an Agent for Celebrating Diversity, Inclusivity, and Accessibility. *The International Journal of the Inclusive Museum*, 1(2), 141-148. <doi.org/10.18848/1835-2014/CGP/v01i02/44510>